

64.
O JUNÍPERO

Era uma vez, há muito tempo, nada menos de dois mil anos, um homem muito rico, casado com uma mulher bela e virtuosa, que muito o amava, assim como ele muito a amava. Não tinham filhos, porém, apesar das preces que a mulher rezava diariamente, pedindo-os a Deus. Em frente de sua casa, havia o jardim, onde crescia uma bela árvore, um junípero, e, em um dia de inverno, a mulher estava perto dela, descascando uma maçã, quando cortou o dedo com a faca e algumas gotas de sangue caíram na neve.

— Ai! — gemeu a mulher, e depois deu um suspiro profundo e sentiu-se triste, vendo o sangue.

E, depois de meditar por alguns instantes, murmurou:

— Quem me dera ter um filho corado como o sangue e de cútis clara como a neve!

E, enquanto assim falava, ficou, em vez de triste, muito alegre, certa de que o seu desejo se realizaria. Então, entrou em casa, e se passou um mês e a neve foi-se embora, e se passaram dois meses, e tudo ficou verde, e depois três meses e as flores todas surgiram da terra, e depois mais quatro meses e todas as árvores do bosque se tornaram mais frondosas e os galhos, muito verdes, se entrelaçaram todos, e os pássaros neles pousados cantaram até que todo o bosque ressoou com os seus cantos e as flores caíram das árvores, depois o quinto mês chegou e passou, e a mulher se sentou embaixo do junípero, que desprendia um perfume tão suave que ela sentiu o coração exaltar-se, e, no sétimo mês, ela colheu as frutas do junípero e as comeu vorazmente e ficou triste e doente, e se passou o oitavo mês, e ela abraçou o marido e disse, chorando:

— Se eu morrer, enterra-me debaixo do junípero.

E se sentiu, então, alegre e feliz, até que terminou o mês seguinte, e então deu à luz um filho, que era branco como a neve e corado como o vermelho do sangue, e, ao vê-lo, ela se sentiu tão feliz, que morreu.



O marido enterrou-a debaixo do junípero e chorou amargamente a sua morte. Passado algum tempo, porém, ele se consolou, embora ainda fosse muito grande a saudade da esposa. E, passado algum tempo, casou-se com outra.

A segunda mulher deu-lhe uma filha. E ao vê-la, a mãe sentiu pela filha um grande amor no coração, mas, ao ver o menino, sentiu um aperto no coração, imaginando que ele sempre estaria em seu caminho, impedindo-a de alcan-

çar o seu desejo de destinar à filha toda a fortuna. E então, o Maligno atormentou-a com aquele pensamento, até que ela tomou ódio mortal do menino e começou a persegui-lo cruelmente e maltratá-lo, até que a pobre criança passou a viver constantemente apavorada, pois desde que saía da escola e chegava em casa, não tinha mais um minuto de sossego durante o dia.

Aconteceu que, certa vez, quando a mulher se encontrava em seu quarto, no andar superior da casa, sua filha foi procurá-la e pediu-lhe:

— Dá-me uma maçã, minha mãe.

— Pois não, minha filha — disse a mãe.

E tirou a maçã de uma arca, que tinha uma tampa muito grande e muito pesada e uma fechadura de ferro muito afiada.

— Minha mãe — disse a menina. — Meu irmão não vai ganhar uma maçã também?

Essa pergunta irritou muito a mulher, mas, contendo-se, ela respondeu:

— Vai sim, quando voltar da escola.

E, quando viu, pela janela, que o menino estava voltando para casa, foi a mesma coisa que se o Diabo tivesse entrado dentro dela e, em vez de dar a maçã à filha, disse-lhe:

— Não vais ganhar a maçã antes de teu irmão.

E tornou a meter a fruta dentro da arca, que fechou. Nisso, o menino apareceu à porta, e o Diabo fez com que a madrasta lhe dissesse, carinhosamente:

— Queres uma maçã, meu filho?

E, ao mesmo tempo, fitou-o com uma expressão feroz nos olhos.

— Minha mãe — disse o menino. — Que olhar esquisito! Sim, quero uma maçã.

E a mulher teve a sensação de que alguém a obrigava a dizer:

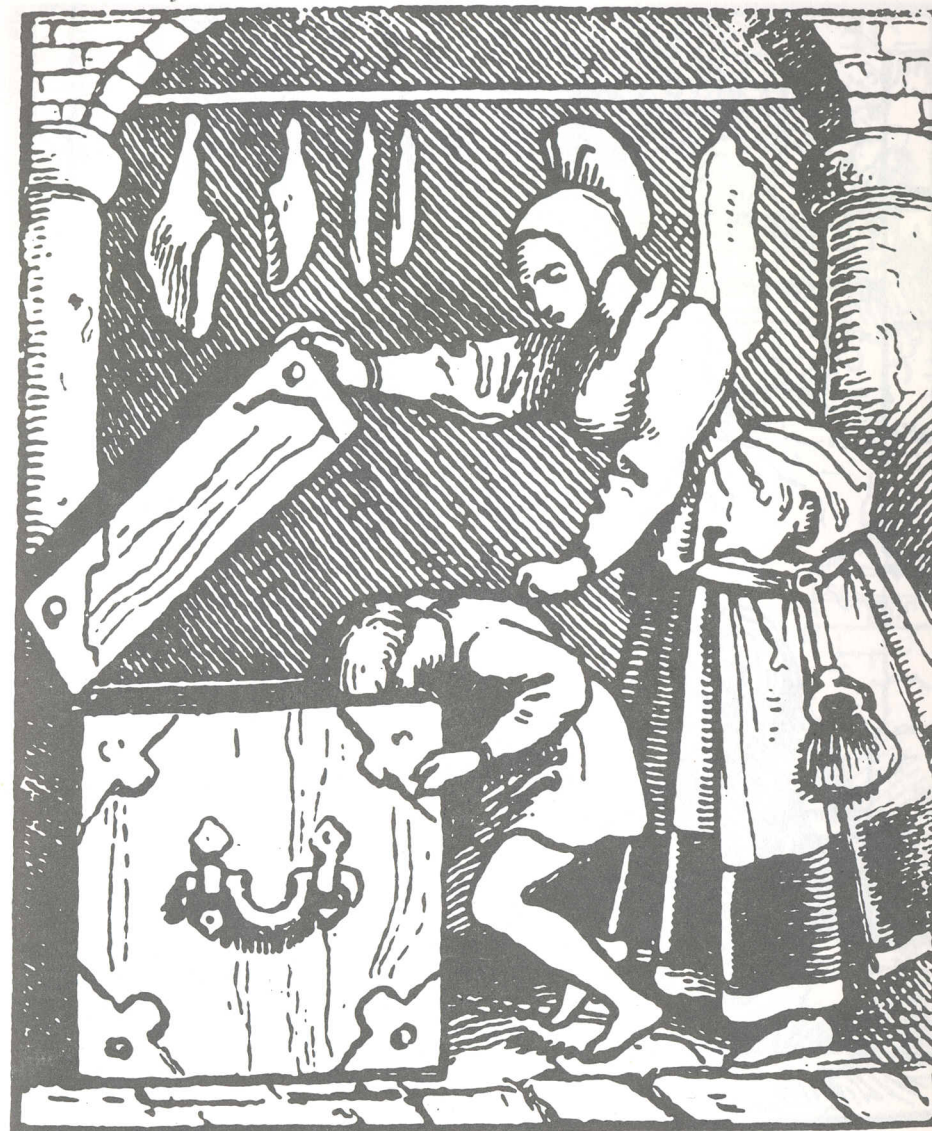
— Chega aqui, então.

Abriu a tampa da arca e disse:

— Tira tu mesmo uma maçã.

E, quando o menino se curvou sobre a arca para tirar a fruta, o Diabo a instigou, e pum! Ela fechou a tampa, que, caindo com toda a força, decepou o pescoço do menino, e a cabeça rolou no meio das maçãs vermelhas.

Aterrorizada, a mulher pensou então: "Ah! Se eu pudesse fazer com que os outros achassem que não fui eu que fiz isso!" E, assim pensando subiu a escada e foi até ao seu quarto, de cuja cômoda tirou um lenço branco, depois voltou para junto da arca, de onde tirou a cabeça, que colocou no pescoço do menino, amarrando-a com o lenço que trouxera. Dobrou o lenço de maneira que nada pudesse ser visto, e sentou o menino diante da janela, com a maçã na mão.



Um pouco depois, a menina, Marlinchen, foi procurar a mãe, que se achava na cozinha, junto do fogão, onde fervia água em uma panela, e disse-lhe:

— Mamãe, meu irmão está sentado junto da porta, muito pálido, e segurando uma maçã. Pedi-lhe para me dar a maçã, mas ele não me respondeu.

— Volta para perto dele — disse a mãe — e, se ele não responder, dá-lhe um murro no pé do ouvido.



Marlinchen obedeceu. Pediu ao irmão a maçã, e, como ele continuasse mudo e imóvel, aplicou-lhe um murro no pé do ouvido, que fez a cabeça cair no chão.

Apavorada, a menina saiu gritando e chorando e foi procurar a mãe, anunciando-lhe entre os soluços e as exclamações de angústia:



— Arranquei a cabeça de meu irmão, mamãe!

E chorou convulsivamente, sem conseguir articular mais uma só palavra.

— O que fizeste, Marlinchen? — exclamou a perversa mulher, fingindo-se surpresa. — Mas agora fica quietinha. Não conta a ninguém. Não adianta outra pessoa saber. Agora, não tem mais jeito, não se pode fazer teu irmão

viver de novo. Vamos fazê-lo virar chouriço, que assim ninguém fica sabendo do que fizeste.

E a mulher cortou o menino em muitos pedacinhos, meteu-o na panela com água fervendo e transformou-o em chouriço, fazendo ainda com que Marlinchen a ajudasse. A menina, coitadinha, não parava de chorar, e as lágrimas caíam dentro da panela, de modo que nem houve necessidade de se salgar o chouriço.

Mal havia a perversa mulher terminado o seu sinistro trabalho, o marido chegou em casa e perguntou pelo filho, quando jantavam.

— Ele saiu, disse que ia para a casa de sua tia-avó — disse a mulher. — Deve demorar para voltar.

— E o que é que ele foi fazer lá? — insistiu o pai. — Nem ao menos se despediu de mim.

— Pois ele disse que ia demorar umas seis semanas lá — mentiu a mulher.

— Não devia ter feito isso — queixou-se o pai. — Devia ter se despedido de mim.

Começou a comer, então, mas viu a menina chorando e perguntou-lhe:

— Por que estás chorando, Marlinchen? Teu irmão vai voltar.

E, ao mesmo tempo, continuava comendo. E elogiou a comida:

— Este chouriço está uma delícia! Quero um pouco mais.

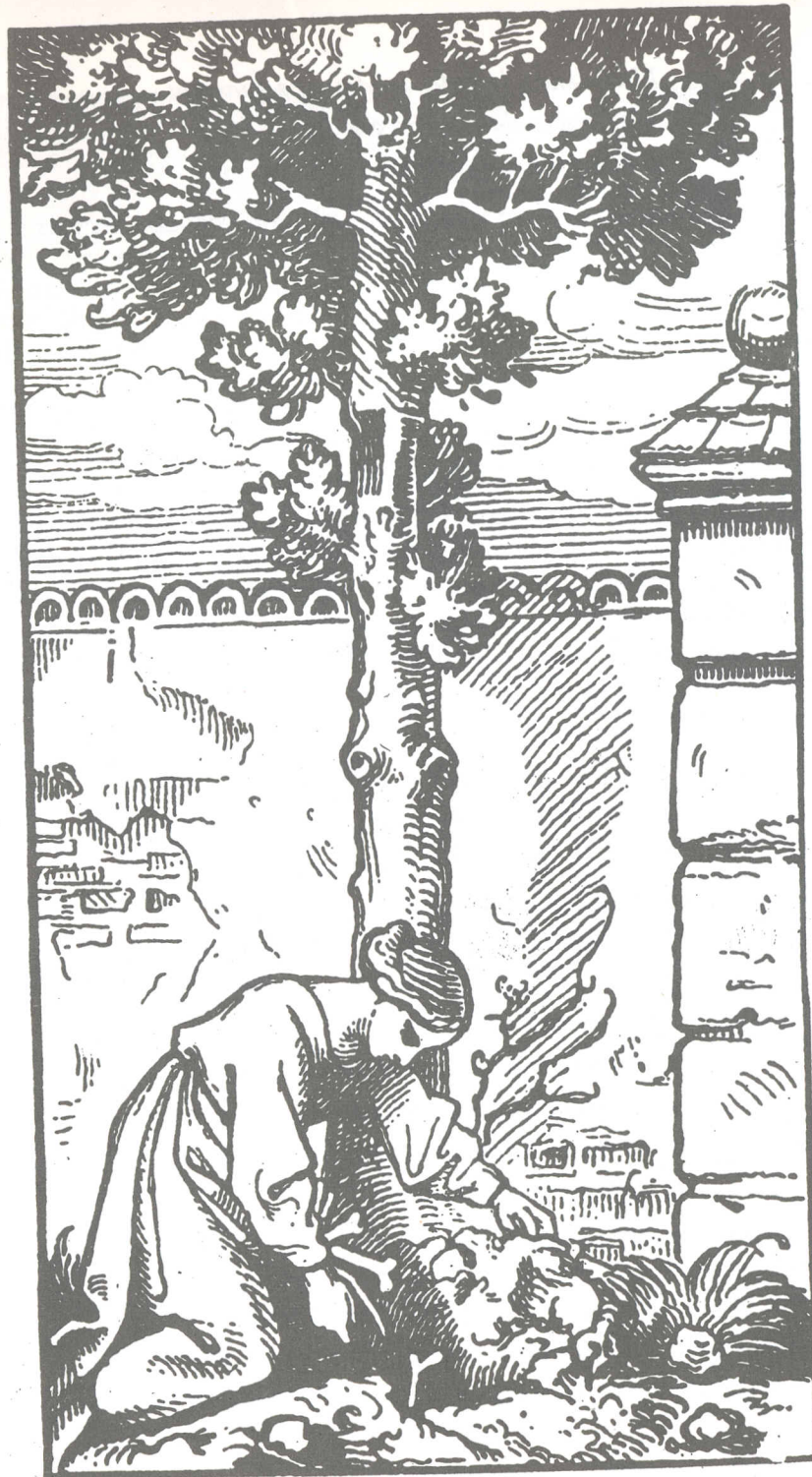
E quanto mais comia, mais queria. E acabou comendo o chouriço todo e jogou os ossos debaixo da mesa. Marlinchen, porém, foi ao seu quarto e tirou da cômoda um lenço branco, no qual enrolou todos os ossos que estavam debaixo da mesa, e levou-o, bem amarradinho, para fora de casa, chorando sem parar.

Sentou-se, então, debaixo do junípero, e deitou-se depois na relva muito verde, e, de repente, sentiu um grande alívio em seu coração angustiado e parou de chorar. As folhas da árvore se agitaram, os galhos se abriram e tornaram a fechar, à semelhança de alguém que batesse palmas, em regozijo. Ao mesmo tempo, a menina viu uma névoa levantar-se do junípero, e, no centro dessa névoa, pareceu-lhe crepitar uma fogueira, e um lindo pássaro saiu voando da fogueira, entoando um canto lindo, e foi voando, voando, até desaparecer nas alturas. E, então, a árvore voltou a ser uma árvore comum, sem névoa e sem frêmitos, e o embrulho do lenço com os ossos já lá não se encontravam. E o mais estranho é que Marlinchen continuava despreocupada, alegre, como se seu irmão ainda estivesse vivo. E, alegre e despreocupada, ela voltou para casa, sentou-se à mesa e jantou.

Enquanto isso, o pássaro voara até a casa de um ourives e cantou:

Mamãe me matou, papai me comeu

E minha irmãzinha os ossos colheu.



*Num lenço de seda, piedosa, os guardou
E embaixo do zambro o lenço deixou.
E ave canora agora sou eu!*

O ourives estava então entregue ao seu trabalho, fazendo uma corrente de ouro. Prestou atenção ao canto do pássaro que estava pousado no telhado da casa, e achou-o muito bonito e melodioso. Curioso, querendo ver como era o pássaro, levantou-se e saiu de casa, mas, ao passar pela porta de entrada, perdeu um dos chinelos. Continuava a andar, porém, e chegou ao meio da rua com um pé calçado e outro descalço. Estava com um avental e segurava com uma das mãos a corrente de ouro e com a outra a tenaz. O sol brilhante iluminava intensamente a rua. E parando, o ourives disse à ave:

— Que beleza o teu canto! Canta de novo para mim!

— Não — respondeu a ave. — Não repito o canto senão em troca de algo. Dá-me a tua corrente de ouro e cantarei de novo para ti.

— Aqui está! — exclamou o ourives. — Leva a corrente de ouro, mas repete o canto para mim.

A ave voou, então, chegou até junto dele e agarrou com a pata direita a corrente de ouro. Depois cantou:

*Mamãe me matou, papai me comeu
E minha irmãzinha os ossos colheu.
Num lenço de seda, piedosa, os guardou
E embaixo do zambro o lenço deixou.
E ave canora agora sou eu!*

E o pássaro voou, depois, para a casa de um sapateiro, em cujo telhado pousou, entoando o seu canto em seguida:

*Mamãe me matou, papai me comeu
E minha irmãzinha os ossos colheu.
Num lenço de seda, piedosa, os guardou
E embaixo do zambro o lenço deixou.
E ave canora agora sou eu!*

O sapateiro ouviu o canto e saiu de casa em mangas de camisa, e teve de proteger os olhos com a mão, para que o fortíssimo sol não o cegasse.

— Pássaro! — gritou. — Que lindo canto o teu!

Depois voltou até à porta da casa e gritou para dentro:

— Vem cá, minha mulher! Está aqui um pássaro que sabe cantar de verdade.



E chamou depois a filha, e outras crianças, moços e moças, e os aprendizes:
— Vinde ver que linda ave, que belas penas verdes e vermelhas e olhos que brilham como estrelas!

E tornou a falar com o pássaro:

— Entoa de novo o teu canto, pássaro!

— Não! — replicou o pássaro. — Não repito o meu canto senão em troca de algo!

O sapateiro disse então à esposa:

— Vai no sótão e tira da prateleira de cima um par de sapatinhos vermelhos e traze-os aqui.

A mulher trouxe os sapatos.

— Toma, ave — gritou o sapateiro, oferecendo-os. — E agora repete o teu canto.

A ave, então, voou até junto do sapateiro, agarrou o par de sapatos com a pata esquerda e voltou para o telhado da casa, onde cantou:

*Mamãe me matou, papai me comeu
E minha irmãzinha os ossos colheu.
Num lenço de seda, piedosa, os guardou
E embaixo do zambro o lenço deixou.
E ave canora agora sou eu!*

E mal terminou o canto, voou para longe. Levando a corrente de ouro no pé direito e o par de sapatos no esquerdo, voou até um moinho, que rodava sem parar: “clip clap, clip, clap, clip clap”, e no moinho trabalhavam vinte homens talhando uma pedra: “ric rac, ric rac, ric rac”, e o moinho continuava “clip clap, clip, clap, clip clap”. O pássaro pousou em uma limeira que crescia em frente do moinho e cantou:

Mamãe me matou

Então um dos homens parou de trabalhar.

Papai me comeu,

Outros dois homens pararam de trabalhar, para ouvirem o canto.

E minha irmãzinha

Outros quatro homens pararam de trabalhar.

Os ossos colheu.

Num lenço de seda, piedosa, os guardou.

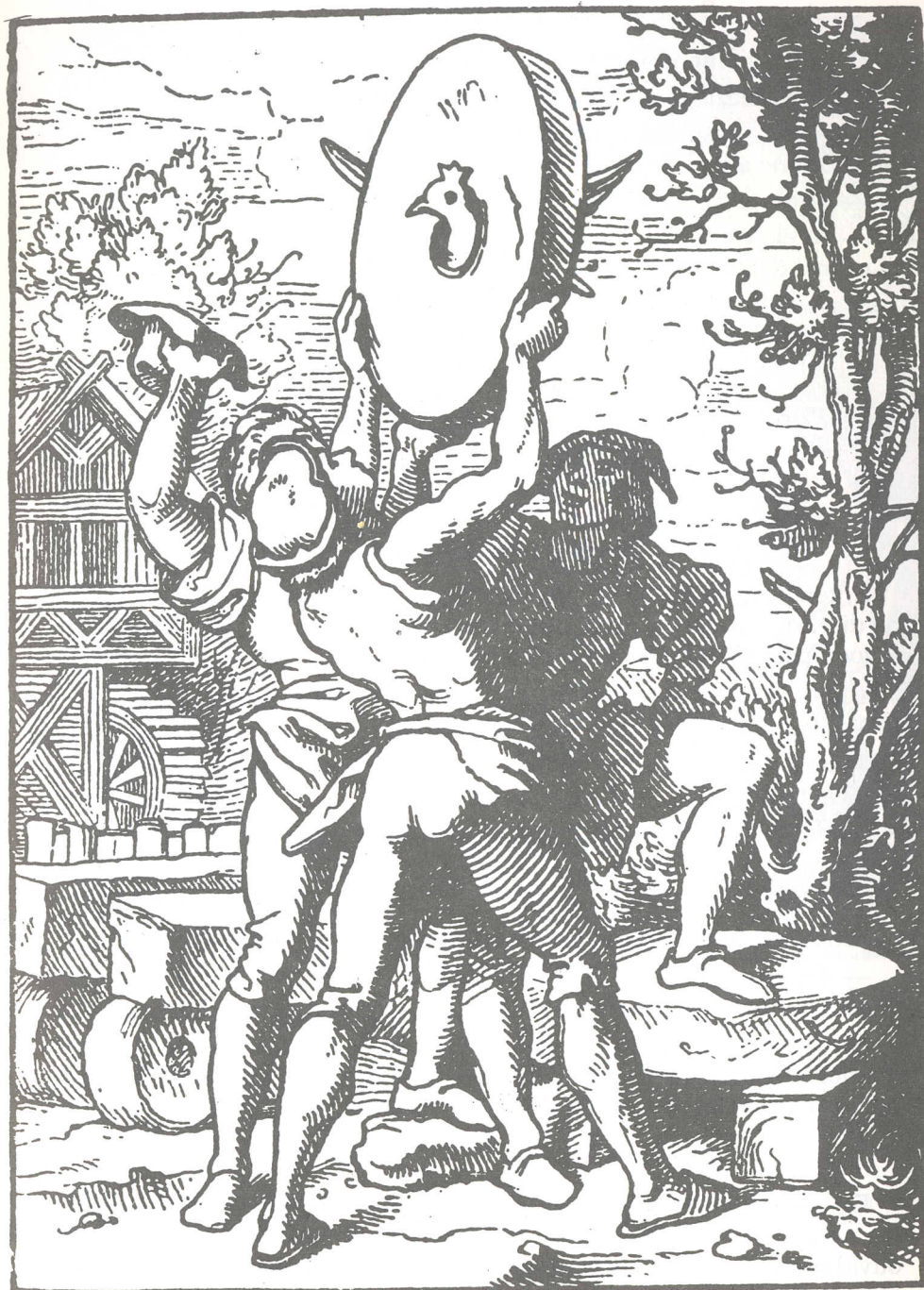
Agora apenas oito homens estavam talhando a pedra.

E embaixo do zambro

Agora só cinco

O lenço deixou.

Agora um homem somente.



E ave canora agora sou eu!

O último homem parou de trabalhar então e exclamou:

— Que beleza de canto, ave! Canta mais para mim!

— Não — respondeu a ave. — Não repito o canto senão em troca de algo. Dá-me a pedra de moinho, que tornarei a cantar.

— Se ela fosse só minha, eu te daria — replicou o homem.

— Se ele cantar de novo, poderá levar a pedra! — concordaram todos os outros dezenove homens.

A ave enfiou a cabeça no buraco da pedra e levantou vô com a mó em torno do pescoço, como se fosse um colar. Pousou de novo na árvore e cantou:

Mamãe me matou, papai me comeu

E minha irmãzinha os ossos colheu.

Num lenço de seda, piedosa, os guardou

E embaixo do zambro o lenço deixou.

E ave canora agora sou eu!

E, tendo cantado, alçou vô para longe, levando a corrente de ouro no pé direito, o par de sapatos no pé esquerdo e a mó em torno do pescoço. E voou para bem longe, até a casa de seu pai.

O pai, sua esposa e Marlinchen estavam jantando, e o pai disse, então:

— Como me sinto feliz, livre de preocupações!

— Pois eu me sinto tão inquieta, como se estivesse se aproximando uma terrível tempestade — disse a mulher.

Marlinchen, por seu lado, chorava sem parar.

E, então, a ave veio voando e pousou no telhado da casa.

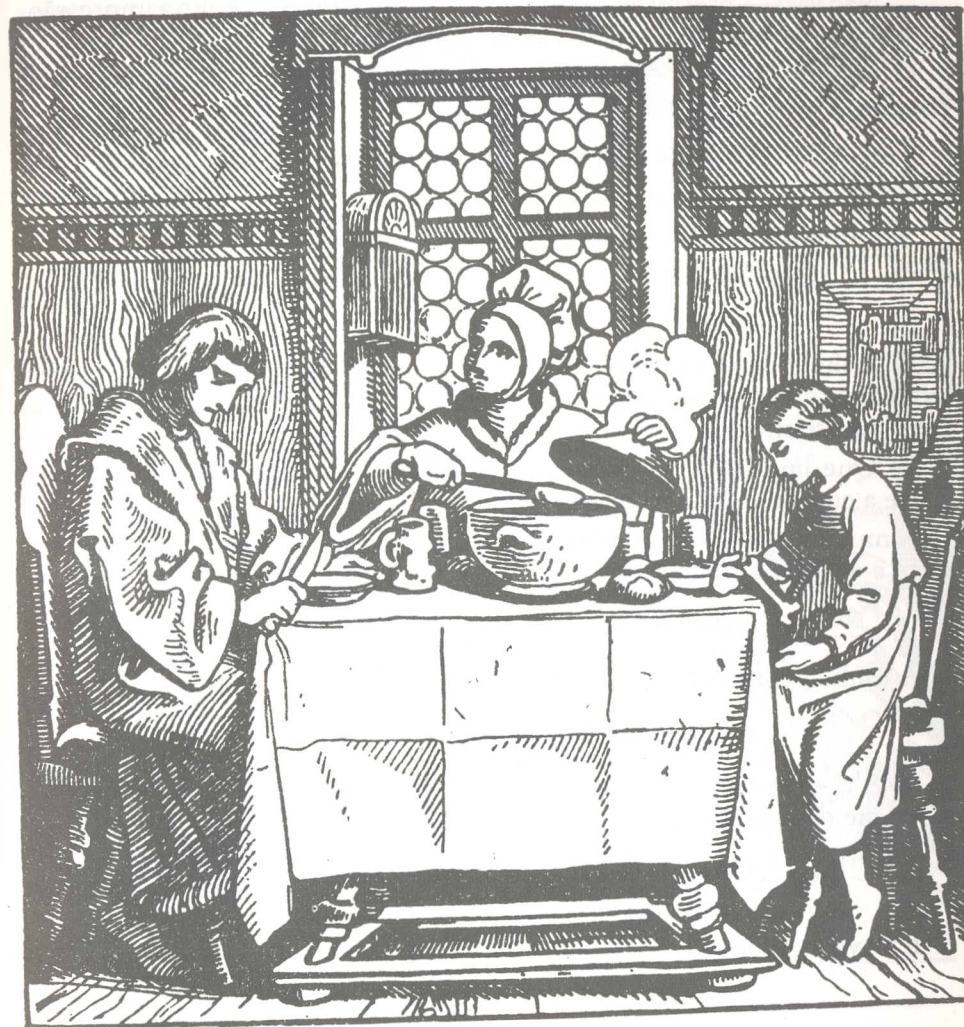
— Sinto-me verdadeiramente feliz! — exclamou o pai. — Está um dia tão bonito lá fora! Tenho a impressão de que vou rever um velho amigo.

— Eu estou aflitíssima! — exclamou a mulher. — Estou batendo os dentes, tenho a impressão de que o fogo está correndo em minhas veias!

Arregalou os olhos, enquanto Marlinchen escondia os seus com as mãos, que logo ficaram molhadas, tantas eram as lágrimas. Enquanto isso, a ave pousava no junípero e cantava:

Mamãe me matou

Desesperada, a mulher tampou os ouvidos e fechou os olhos, para não ver nem ouvir, mas parecia-lhe que trovões terríveis ribombavam em seus ouvidos e relâmpagos constantes ofuscavam e queimavam-lhe os olhos.



Papai me comeu,

— Que linda ave! — exclamou o homem. — E canta maravilhosamente bem. E espalha um cheiro semelhante ao da canela.

E minha irmãzinha

Marlinchen não parava de chorar, mas seu pai, ao contrário, continuava a se mostrar muito satisfeito, e disse:

— Vou lá fora, para ver de perto essa ave.

— Não vás! — protestou a mulher, quase gritando. — Tenho a impressão de que a casa está balançando e pegando fogo!

O homem, porém, não atendeu ao seu pedido e saiu e olhou para o pássaro, e este cantou:

*Mamãe me matou, papai me comeu
E minha irmãzinha os ossos colheu.
Num lenço de seda, piedosa, os guardou
E embaixo do zambro o lenço deixou.
E ave canora agora sou eu!*

E, assim tendo cantado, a ave largou a corrente de ouro, que caiu exatamente em torno do pescoço do homem, que correu para dentro de casa, entusiasmado:

— Que linda ave! — exclamou. — E, ainda por cima, muito amável! Vede a corrente de ouro que me ofereceu!

A mulher, porém, ficou horrorizada. As pernas bambearam e ela caiu no chão e a touca caiu de sua cabeça.

Papai me comeu,

A mulher tornou a cair, parecendo morta.

E minha irmãzinha

— Ah! — exclamou Marlinchen. — Eu também vou lá fora, para ver se a ave me dá alguma coisa,

Os ossos colheu.

Num lenço de seda, piedosa, os guardou.

E a ave jogou o par de sapatos para Marlinchen.

E embaixo do zambro

O lenço deixou.

E a menina, alegre, de coração leve, calçou os sapatinhos vermelhos e saiu dançando e pulando até dentro de casa.

— Eu estava muito triste, mas agora estou muito alegre — disse. — É uma ave maravilhosa. Deu-me um par de sapatinhos vermelhos.

— Muito bem! — exclamou a mulher, decidida, de repente, e levantando-se do chão, com os cabelos arrepiados como se fossem chamas. — Tenho a impressão de que o mundo vai acabar. Vou lá para fora, a fim de ver se me sinto melhor.



E, mal atravessara a porta, pum! A ave soltou a pedra de moinho bem em cima de sua cabeça, esmagando-a.

Marlinchen e seu pai ouviram o barulho e saíram para ver o que acontecera. E viram fogo, chamas, fumaça saindo de junto do junípero, e quando o fogo se apagou e a fumaça se dispersou, quem apareceu foi o menino que a madrasta matara. E que apertou a mão do pai com uma das mãos e a mão da irmã com a outra, e os três, alegres e felizes, entraram em casa e sentaram-se à mesa e jantaram, com muito apetite.